

ABORDAGEM DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇA PORTADORA DE AUTISMO

Léia de Santana Gama¹

Adriana Aparecida Baraldi Gaion²

Andréia Caron³

¹Discente do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru

²Orientadora e Docente do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru

³Coorientadora e Docente do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru

Resumo

O autismo é conceituado como um Transtorno do Espectro Autista (TEA) fica estabelecido como uma anomalia de comportamento no qual se desenvolve a dificuldade ou ausência do desenvolvimento motor e psiconeurológico, e impossibilita os pensamentos e a interação da criança e seus familiares com a sociedade. O autismo está relacionado ao desenvolvimento físico e psíquico, com maior prevalência em meninos. O objetivo desse estudo é demonstrar os critérios e a importância do cuidado de enfermagem à criança autista. O método utilizado foi uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, utilizando várias bases de dados como: BVS Biblioteca Virtual em Saúde, SciELO – Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha) e Google Acadêmico. O enfermeiro, como profissional incluído na saúde da criança, exerce um papel fundamental na avaliação e no desenvolver da criança com TEA, seus sinais e sintomas reconhecidos nas primeiras consultas de enfermagem. Os profissionais da enfermagem juntamente com a equipe multidisciplinar são responsáveis pelo acolhimento, tratamento da criança com TEA. O presente estudo revela a importância do enfermeiro e da equipe multidisciplinar na descoberta precocemente do transtorno do espectro autista, e assim construir uma assistência de qualidade para a criança. O autismo é uma síndrome incurável, necessita do familiar juntamente com a equipe de saúde para conduzir o tratamento. Sugere-se, a realização de mais estudos atualizados no país envolvendo o assunto, visto que a literatura brasileira é escassa. O conhecimento sobre a patologia evita o tratamento tardio, benefício para a criança e satisfação para o profissional de enfermagem.

Palavras-Chave: Autismo; Autismo infantil; Assistência de enfermagem.

Abstract

Autism is conceptualized as an Autism Spectrum Disorder (ASD) and is established as a behavioral anomaly in which difficulty or absence of motor and psychoneurological development develops, and makes it impossible for the child and their family members to think and interact with society. Autism is related to physical and development, with a higher prevalence in boys. The objective of this study is to demonstrate the criteria and importance of nursing care for autistic children. The method used was a narrative bibliographic review, using several databases such as: VHL Biblioteca Virtual em

Saúde, SciELO – Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha) and Google Scholar. The nurse, as a professional included in children's health, exercises a fundamental role in the assessment and development of children with ASD, their signs and symptoms recognized in the first nursing consultations. Nursing professionals, together with the multidisciplinary team, are responsible for welcoming and treating children with ASD. The present study reveals the importance of nurses and the multidisciplinary team in the early discovery of autism spectrum disorder, and thus building quality care for the child. Autism is an incurable syndrome and requires the family member together with the healthcare team to carry out the treatment. It is suggested that more updated studies be carried out in the country involving the subject, as Brazilian literature is scarce. Knowledge about the pathology prevents late treatment, benefiting the child and satisfying the nursing professional.

Keywords: Autism; Childhood autism; Nursing assistance.

Introdução

O autismo é conceituado como um Transtorno do Espectro Autista (TEA) e fica estabelecido como uma anomalia de comportamento no qual se desenvolve a dificuldade ou ausência do desenvolvimento motor e psiconeurológico e impossibilita os pensamentos e a interação da criança e seus familiares com a sociedade (PINTO *et al.*, 2016).

O autismo é reconhecido como uma síndrome de fatores múltiplos e genéticos, onde os sinais e sintomas geralmente são reconhecidos pelos pais, o que ajuda no diagnóstico precoce. Sua descoberta causa mudanças familiares e desafios para os pais e para os profissionais de saúde que irão acolher (PINTO *et al.*, 2016).

O TEA é considerado transtorno neurológico, com início na infância carência na desenvoltura vocal e não vocal, na competência de associar, desejo pessoal de ação exclusiva e regras de maneiras repetitório, diante de tantas variantes na vida da criança e familiares, tornando dificultoso o encarar (BONFIM *et al.*, 2020).

Pode-se determinar o autismo como agrupamentos de gestos e manifestações anormal do comportamento e evolução da pessoa. De certa forma, o TEA é revela seus sinais antes do terceiro ano de idade, com atraso inúmeros no desenvolver, com mudança no repetir, lidar com transformação. O TEA por sua vez possui graus de gravidade, no primário a criança necessita de apoio, no nível dois comunicação verbal e não verbal, no três com essencial um cuidado maior no mudar e comunicação (RODRIGUES; QUEIROZ; CAMELO, 2021).

De acordo com o autor o TEA é revelado por deficiência múltiplas, falha na interação social, psicomotora, início precoce, complicações no desenvolvimento da criança, revelado como uma síndrome comportamental com etiologia variadas, fatores

genéticos e ambientais, com isso o profissional de saúde deve estar preparado para diagnosticar e cuidar da criança autista. É importante que o profissional tenha conhecimento do TEA no geral, pois são bastantes condições clínicas e comorbidades associadas, levando a um diagnóstico incerto (OLIVEIRA *et al.*, 2019).

O presente estudo, revela que no Brasil apesar de numerosos casos de autismo, o brasileiro vivencia dificuldade na terapêutica apropriado. É necessário que o enfermeiro atente-se para o desenvolver e crescimento da criança, interpretar e ajudar no diagnóstico precoce (ARAÚJO *et al.*, 2019).

O autismo compreende um transtorno do neurodesenvolvimento que revela-se no início da vida, provocando vários prejuízos. O TEA modifica a maneira de viver da criança, com o passar dos anos prejuízos surgem no desenvolvimento como a forma de interagir e de se comunicar com o universo (MACHADO; LONDERO; PEREIRA, 2018).

Apesar do aumento do TEA ainda sua etiologia segue desconhecida, fator multifatorial, genéticos e neurobiológicos. Segundo registros epidemiológicos em 2015 mundiais refere que 88 nascidos vivos apresente TEA, e do sexo masculino. Os profissionais de saúde necessitam estar preparados, atualizados, pediatra, médicos da família e demais equipe (GOMES *et al.*, 2015).

A criança autista requer cuidados especiais, por se tratar de uma síndrome neurológica, de mudanças múltiplas, cabe a enfermagem a orientação, promoção à qualidade de vida para a criança e seu familiar (SOUZA *et al.*, 2020).

Diante de um transtorno incurável, o enfermeiro deve contribuir no diagnóstico, por meio de investigação, ação, nas consultas de enfermagem perante o TEA, o profissional tem que ter conhecimento, aptidão, criar novas terapias. Por se tratar de um transtorno mental, a intervenção interdisciplinar torna-se indispensável, ajuda no desenvolver verbal, interação social, alfabetização e demais capacidades, a depender de seu grau (VIANA *et al.*, 2020).

O autismo está relacionado ao desenvolvimento físico e psíquico com início precoce, com maior prevalência em meninos (MAPELLI *et al.*, 2018).

O TEA é um adoecimento mental neurológico, envolvendo interação social, verbal e não verbal, sendo percebido em alguns casos nos primeiros meses de vida. O fenótipo das pessoas variam bastante, atinge desde indivíduos com Deficiência Intelectual grave e baixo ação em habilidades comportamentais, até com Quociente de Inteligência normal, podendo ser independente. O autismo pode ser confundido

com outras patologias neuropsiquiátricas tipo: esquizofrenia, síndrome de Asperger, síndrome de Rett e retardo mental (ARAÚJO *et al.*, 2019).

Com a reforma psiquiátrica brasileira, criaram-se os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) para pessoas em grave sofrimento psíquico, substituindo as internações, onde possa incluir a pessoa e sua família na sociedade. O Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSi) atende crianças e adolescentes em sofrimento psíquico e que não vivem em sociedade. A assistência de enfermagem no CAPSi é individual ou em grupo, com oficinas terapêuticas, visitas domiciliares, rede intersetorial, conselhos tutelares, escolas e organizações não governamentais. Do enfermeiro requer conhecimento e preparação na assistência em saúde com a criança e adolescente (FRANZOI *et al.*, 2016).

O autismo, tem sua ocorrência variando de graus leve à grave, com prevalência maior em meninos, sua razão ainda desconhecida, entretanto alguns fatores podem contribuir, são eles: influência genética, vírus, toxina e poluição, desordens metabólicas, intolerância imunológica, anomalias nas estruturas e funções cerebrais, o enfermeiro como profissional atuante no autismo infantil, requer conhecimento para sinais e sintomas na criança. O autismo é um transtorno que envolve permanência e impede que a criança viva de forma independente, necessita de apoio familiar e de todos os envolvidos (MELO *et al.*, 2016).

O transtorno afeta o desenvolvimento motor e neurológico da criança, dificultando a linguagem e a interação na sociedade (JORGE *et al.*, 2019).

O TEA é uma síndrome que modifica o comportamento e comprometimento nas partes da interação social, linguagem, comunicação e modos repetitivos e estereotipados, podem ser expressos de várias maneiras: na brincadeira, na fala, podendo apresentar ecolalia. As demonstrações do autismo variam de acordo com seu nível, maior comprometimento cognitivo, tende-se ao isolamento (SANINI; BOSA, 2015).

A síndrome do transtorno do espectro autista tem início precoce, com variabilidade na intensidade, possui etiologia múltiplas e fatores genéticos e ambientais, os profissionais da saúde devem reconhecer que a maioria dos pais das crianças autista não relatam dificuldades precoces, sendo assim o enfermeiro como orientador, no processo de mudanças e aceitação (ZANON; BACKES; BOSA, 2014).

A criança autista começa apresentar avanço alterado, obviando somente ao som. Tem inúmeras dificuldades, mudar de ambiente e manifestar interesse em

aparelhos inanimados. Em 2012 foi instituída a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, assim passando a ter atendimento integral as suas necessidades, com pesquisas científicas voltadas para o TEA. Os profissionais de saúde juntamente com as mães de crianças autistas são fundamentais no tratamento (VILAR *et al.*, 2019).

Segundo o autor, logo depois do nascimento é fundamental uma avaliação do desenvolvimento psicomotricidade, sensoriais, linguagem, a equipe de saúde deve verificar criteriosamente sinais e sintomas do TEA, assim prestar uma assistência adequada a criança. Os profissionais de saúde da atenção primária precisam ser mais capacitados e assim reconhecer queixas relacionadas ao TEA em idades precoces, ao mesmo tempo há escassez de serviços públicos especializados na assistência (ZAQUEU *et al.*, 2015).

O autismo, também conhecido como parte da família dos transtornos invasivos do desenvolvimento (TID), é uma condição que afeta a vida de milhares de pessoas em todo o mundo (CENAT, 2023).

Historicamente primeiras e mais importantes menções às características do autismo provavelmente viria dos estudos do psiquiatra austríaco Leo Kanner, quando observou crianças apresentando comportamento atípico em relação à necessidade, capacidade e busca por relações sociais comuns. Em seus estudos realizados em 1943, Kanner também apontou as respostas incomuns das crianças ao ambiente, criando assim o nome “transtorno autista de contato afetivo” como a origem dessas dificuldades. Durante as décadas de 1950 e 1960, novas pesquisas foram conduzidas com base nas descobertas de Kanner, mas pareciam acrescentar ainda mais dúvidas e confusão a algo que ainda era pouco conhecido na época, alguns investigadores descobriram que o comportamento autista é causado por relações deficientes entre pais e filhos, na medida em que pais e mães que tratam os seus filhos de uma forma menos amorosa emocionalmente são responsáveis pela sua causa (CENAT, 2023).

De acordo com a Lei nº 12.764/2012 foi decretada para proteção e direitos da pessoa com TEA com o intuito de evitar a distinção e proporcionar uma qualidade de vida melhor para o portador do autismo e de seus familiares. Todavia, a assistência de enfermagem é primordial nesse momento, pois todo atendimento diferenciado faz com que o paciente se sinta seguro e acolhido em determinados momentos dentro de uma unidade de saúde, ocorrendo um atendimento humanizado (ZDANUK; SBARGOUD; CARVALHEIRA, 2021).

Considerando o enfermeiro como líder de uma equipe multiprofissional de unidades de saúde é seu dever estar apto para lidar com crianças com autismo, treinar e preparar sua equipe para melhor desempenho na qualidade de vida do indivíduo e seus familiares. O autismo apresenta os mais variados aspectos, mudanças comportamentais, medo, confusão mental, baixa tolerância à mudança. A criança autista expõem respostas específicas a estímulos sensoriais, resistência a dor e exagero a odores, isolamento com outras crianças e do familiar (NASCIMENTO *et al.*, 2018).

Este transtorno traz comprometimento permanente, e a maioria das crianças afetadas permanece incapaz de viver de maneira independente, e requer o apoio do cuidador, da comunidade ou a institucionalização, o tratamento do autismo precisa ser multidisciplinar, a fim de um diagnóstico precoce (MELO *et al.*, 2016).

A assistência de enfermagem em CAPSi são de grande importância para a criança e seu cuidador, o maior desafio do enfermeiro está na prática clínica em si, estabelecer vínculo e relação entre crianças e adolescentes a fim de oferecer um atendimento humanizado (FRANZOI *et al.*, 2016).

O TEA afeta áreas do neurodesenvolvimento, onde a criança necessita de um cuidador, os pais são orientados pelos profissionais da saúde sobre o autocuidado, em busca de um tratamento de qualidade e introduzir a criança na sociedade (NASCIMENTO *et al.*, 2018).

O papel do enfermeiro é importante no processo de cuidar e nas ações sistematizadas, individualizadas, compreensão dos limites da criança autista, oferecendo qualidade, segurança e afeto. Com o autocuidado os benefícios favorecem a criança para seu bem-estar. O TEA é uma síndrome crônica, que ocasiona comprometimento no convívio social (MAGALHÃES *et al.*, 2022).

Mostra-se que o Transtorno do Espectro Autista tem seu agravamento do menos ao mais grave, onde necessitam de atendimento integral e diferencial. O autismo afeta várias áreas do desenvolvimento neurológico e motor da criança. A união dos profissionais de saúde com as mães é fundamental para a vitória no tratamento (VILAR *et al.*, 2019).

O aumento do número de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista, justifica o estudo em questão, considerando a importância para o conhecimento e orientação da equipe multidisciplinar e evolução da criança. Diante

desse aumento observa-se a necessidade da realização desse estudo sobre os cuidados para com crianças autistas em período ou momento de doença.

Este estudo tem como objetivo demonstrar os critérios e a importância do cuidado de enfermagem à criança autista.

Métodos

Este estudo é baseado em uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, no qual ocorre a sistematização de pesquisas e evidências, conduzindo as informações para contextualizar sobre o tema abordado, promovendo conhecimentos e soluções propostas (FCA, 2015).

A consulta e seleção dos artigos ocorreu entre os dias 27 de março e 24 de maio de 2023, com leitura seguindo os passos de formatação considerando como critérios de inclusão os descritores em saúde: Autismo, Autismo infantil e Assistência de enfermagem e foram critérios de exclusão: artigos em outros idiomas, publicações com o prazo mais de 10 anos e tema que não se correlaciona com o objetivo proposto.

Foram utilizadas buscas em bases de dados científicos, reconhecidos nas áreas de pesquisas em saúde dos últimos dez anos, entre 2014 a 2023, com dados de bases em língua portuguesa e disponível para estudo como: BVS Biblioteca Virtual em Saúde, SciELO – Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha) e Google Acadêmico.

Após a apuração dos artigos, procedeu-se com leituras e interpretações do texto do tema abordado. A extração das informações ocorreu através do conhecimento e repercussões da abordagem e assistência a criança portadora de autismo.

Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados com limitações de datas entre 2014 a 2023, no idioma português, cujo tema e resumo faziam relação ao objetivo do estudo em questão. Os critérios de exclusão foram artigos com mais de 10 anos de publicação, artigos em outros idiomas e que não abordavam o tema proposto do presente trabalho.

Foi realizada uma primeira busca selecionando 52 artigos cujo título e resumo abordava o tema proposto resultados de busca, com base nos descritores do estudo. Desta busca, foram selecionados 22 artigos, através de uma separação metódica, não esgotando assim as fontes de informações pesquisadas para a elaboração da

pesquisa. Deste modo, foram descartados 30 artigos por não apresentarem adequação suficiente ao tema empregado.

Resultados e discussões

Dentro dos artigos e trabalhos pesquisados, o TEA é uma doença que necessita de mais estudos, embora ela seja atualmente o foco da comunidade científica, existe a necessidade de complementar, e por isso os profissionais precisam ser qualificados, portanto os familiares precisam estar envolvidos, o enfermeiro precisa ser especializado e capacitado para realizar a detecção precoce do autismo, como forma de prestar uma assistência de enfermagem adequada.

Segundo Pinto *et al.* (2016) e Magalhães *et al.* (2022) durante o resultado do diagnóstico de uma patologia crônica para seu parente, ele é transposto por várias surpresas e desgostos, decepção, incerteza, pesar, covardia, sobretudo quando se trata de um Infante, é considerável que o enfermeiro neste momento tenha um planejamento para acolher este familiar neste momento de negação. Acredita-se que no TEA, o pouco envolvimento no autocuidado, pode variar por diferentes causas, como pobreza de aprendizado e conhecimento, e assim leva a um retardo da evolução, e a enfermagem individualiza estratégias para cada plano de cuidados.

De acordo com Vilar *et al.* (2019) e Nascimento *et al.* (2018) a criança com TEA tem grande habilidade em repetir sinais por manifestar problemas de memória de curto e longo prazo, prejudicando seu convívio na sociedade. O enfermeiro é o profissional responsável e preparado para identificar mudanças supostas de transtornos autísticos, assim colaborar com diagnóstico e assistência de enfermagem adequada. A fonoaudiologia traz vantagens para o melhoramento da criança com TEA. Deve o profissional de enfermagem conhecimento do TEA para melhor terapia positiva. Enfermeiro é responsável por identificar os sinais e sintomas do TEA, diante das dificuldades encontradas, procura a ajuda de outros profissionais, a fim de melhorar o conhecimento e assim reconhecer a necessidade do início dos cuidados, envolvendo os responsáveis pela criança no tratamento precoce.

Os profissionais da enfermagem juntamente com a equipe multidisciplinar são responsáveis pelo acolhimento, preparação e tratamento da criança com TEA, diante disso é de fundamental importância a humanização da assistência da equipe, por se tratar de uma síndrome incurável, é fundamental lembrar que a partir de um diagnóstico precoce é provável adquirir avanço no comportamento, desenvolvuras

motoras, na comunicação interpessoal da criança e é considerável que os pais as coloquem no meio social. Os pais e cuidadores sofrem com mudanças desconhecidas, é fundamental o apoio da equipe de saúde, preparada e capacitada (PINTO *et al.*, 2016; GOMES *et al.*, 2015).

O brincar deve ser observado por profissionais enfermeiros e familiares da criança com TEA, por ser típico do desenvolvimento Infantil, corresponde a interação social. As mães são de grande importância na terapia da criança, respeitando seus limites. Segundo o autor 50% dos enfermeiros entrevistados conseguiram identificar o TEA durante a avaliação de crescimento e desenvolvimento, observando sinais e sintomas na criança (VILAR *et al.*, 2019; NASCIMENTO *et al.*, 2018).

O enfermeiro, como profissional incluído na saúde da criança, exerce um papel fundamental na avaliação e no desenvolver da criança com TEA, seus sinais e sintomas reconhecidos nas primeiras consultas de enfermagem. A família é fundamental na busca por condições que permitissem a assistência a esses portadores de TEA. Todavia com aumento do transtorno, visa a importância dos pais neste novo universo (ARAÚJO *et al.*, 2019; ZDANUK; SBARGOUD; CARVALHEIRA, 2021).

O TEA é uma patologia que se configura pela diminuição da desenvoltura motora e pensamentos desordenados, sendo assim é necessário reconhecer aqueles que vão necessitar de tratamento, a identificação de risco, para isso, o enfermeiro precisa ser qualificado, e capacitado para realizar a detecção precoce do autismo, como forma de proporcionar uma assistência de enfermagem ideal, restabelecimento clínico e a prevenção de complicações futuras da criança. O enfermeiro tem um papel fundamental na descoberta do autismo, pois auxiliará na descoberta precoce do autismo (SANINI; BOSA, 2015; MELO *et al.*, 2016).

Diante dos artigos pesquisados, a escola, a família, são de grande importância para o diagnóstico do TEA, notados primeiros sinais, com procura do familiar ao atendimento à saúde, o enfermeiro precisa criar estratégias, introduzir pais e criança na sociedade (GOMES *et al.*, 2015; RODRIGUES; QUEIROZ; CAMELO, 2021). É fundamental que os profissionais de saúde amparem esses pais, explique a vivência com a criança diagnosticada com TEA. Maiores dificuldades encontrados por familiares: ansiedade, isolamento, falta de suporte, apoio emocional familiar reduzido, complexidade financeira e trabalhista, sobrecarga da genitora, tensão, rebaixamento.

Bonfim *et al.* (2020) evidenciam as dificuldades que a família de crianças com TEA encontram para identificação dos sinais da doença, em seus estudos demonstram que o tratamento fraciona em dois momentos: o inicial menciona o tempo anterior ao diagnóstico, descoberto pelos responsáveis e escola, desempenho do infante inapropriado a seu ciclo, o seguinte após o diagnóstico e começo do tratamento, quando se aceita a nova condição, portanto perante tantas mudanças pais buscam amparo em atendimento de saúde. Acrescentam Oliveira *et al.* (2019) que existem métodos voltadas para orientar os profissionais da saúde, que atuam com crianças com TEA, reconhecendo precocemente o transtorno, iniciando intervenções de enfermagem.

De acordo com Machado *et al.* (2018) os familiares não compreendiam os sintomas no atraso da linguagem e maneiras, com início de 2 a 3 anos de idade do infante, assim começam as pesquisas por profissionais médico, para um diagnóstico adequado. Para Viana *et al.* (2020) o diagnóstico tardio, se contradiz por falta dos profissionais de saúde terem pouco conhecimento do autismo. O enfermeiro é de fundamental importância no achado do TEA, na evolução e progresso na atenção básica, porém falta capacitação para lidar com o infante.

O estudo revela o empenho das mães em oferecer o melhor cuidado com a criança autista, surgem dúvidas de mães sobre o diagnóstico. É importante que o profissional de saúde esteja apto para conduzir o crescimento e progresso da doença, gerando segurança para os familiares. Com o aumento do TEA se torna mais fácil as informações sobre o assunto (MAPELLI *et al.*, 2018; THOMAS, 2015).

Segundo Franzoi *et al.* (2016) e Melo *et al.* (2016) nesse cenário é atendido por enfermeiro, psiquiatra, terapeuta ocupacional, nutricionista, fonoaudióloga, psicóloga e técnico em enfermagem, à criança com TEA. É necessário que o enfermeiro durante consulta de enfermagem tenha conhecimento para avaliar os sinais e sintomas do autismo, auxiliar no diagnóstico precoce e eventual tratamento, seu papel é indispensável, no cuidar, informação entre a família e profissionais da saúde, encaminhando a uma equipe multiprofissional.

Segundo dados da pesquisa evidenciou que das 92 crianças, 28,3% apresentaram atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor, sendo 61,5% meninos e 38,5% menina. O começo da vida é uma fase de mudanças anatômicas e fisiológicas,

alterações como o TEA acrescentado como distúrbio neuropsicológico, é considerável que o diagnóstico perceba precocemente promovendo a saúde do infante (ZAQUEU *et al.*, 2015; ARAÚJO *et al.*, 2019).

O artigo aponta que todo educador ou profissional que atue com criança autista tenha conhecimento do transtorno. O autor ressalta a escassez de instrumentos para os profissionais e pesquisadores na área para o diagnóstico inicial (SANINI; BOSA, 2015; ZANON; BACKES, 2014).

O estudo revela que o Transtorno do Espectro Autista interfere nas habilidades referente ao autocuidado, como no conhecimento e vínculos sociais, a criança requer serviços especializados para uma boa desenvoltura de suas necessidades. A escola e a família são fundamentais no diagnóstico do TEA, onde é possível perceber seus sinais, como: falta de concentração, isolamento e agressividade, a enfermagem passa a ter um papel importante na orientação a família a fim de obter atendimento de qualidade ao infante (MAGALHÃES *et al.*, 2022; RODRIGUES; QUEIROZ; CAMELO, 2021).

A criança autista requer cuidados especiais, para melhor desempenho na sociedade, a comunicação entre a enfermagem e familiares são essenciais no tratamento do infante. A rotina do responsável pela criança é totalmente modificada, dependendo do grau são impedidos de trabalhar fora, e assim iniciam a busca por ajuda de profissionais da saúde (ARAÚJO *et al.*, 2019; MACHADO; LONDERO; PEREIRA, 2018).

Ainda não existe tratamento definitivo para o TEA, por ser uma doença crônica o tratamento é baseado na prevenção das complicações de seus agravos, minimizando os danos causados por essa patologia, as manifestações clínicas decorrentes do transtorno são muito variáveis entre os indivíduos com a doença, ao longo de sua vida, os sinais e sintomas podem começar a aparecer a partir do segundo ano de vida, mostrando a importância do diagnóstico precoce como principal medida de amenizar o impacto, e implantar uma assistência adequada a essa criança. O transtorno ainda causa sentimentos de tristeza, e recusa do responsável, assim dificultando o diagnóstico, o enfermeiro deve sempre buscar capacitação e atualização sobre a doença, e desenvolver junto com a equipe multidisciplinar e

familiares das crianças, ações de promoção à saúde, visando reduzir os danos causados pela patologia (VILAR *et al.*, 2019; PINTO *et al.*, 2016).

O enfermeiro tem como principal ação diante do autismo, o cuidar, tendo sua atenção voltada para o indivíduo autista e seu familiar ou cuidador, tentar amenizar, através do contato com o cuidador, o medo, insegurança diante da sociedade, o enfermeiro deve desenvolver a habilidade de comunicação, para melhorar suas necessidades da criança. A importância da educadora na vida do autista, é fundamental que tenha um conhecimento sobre o TEA e lidar com suas diferenças (MELO *et al.*, 2016; SANINI; BOSA, 2015).

Diante uma síndrome incurável, os familiares recebem a notícia com preocupação e vários sentimentos, pois idealizam o sonho de uma criança saudável. É preciso que o profissional de enfermagem esteja preparado para lidar com a síndrome, e assim transmitir segurança para o familiar e o infante, a enfermagem é compreendida como a arte de criar, vantagens no rumo do conforto (JORGE *et al.*, 2019; SOUZA *et al.*, 2020).

Diagnósticos

O diagnóstico prematuro da criança com autismo é fundamental levando em consideração estratégias de um tratamento inicial, objetivando a diminuição dos efeitos desta síndrome, facilitando alguma autonomia diante de critérios determinados pela equipe que conduz a criança, os resultados constatou a predominância de infante do sexo masculino com TEA, diante disso pais expressam interesse para apoiar e desenvolver as habilidades do autocuidado, tendo a enfermagem a atribuição essencial a realizar e estimular a conduta terapêutica (MAGALHÃES *et al.*, 2022).

O TEA é basicamente clínico, diante de comportamento da criança, histórico com os familiares e as ferramentas particulares. O Ministério da Saúde desenvolveu uma tabela com indicadores de evolução infantil e sinais de alerta (GOMES *et al.*, 2015).

O transtorno apresenta sinais a partir dos dois anos de idade, com sua origem ainda desconhecida, portanto, acredita que a síndrome tem várias causas e fatores genéticos, neurológico e sociais do infante (PINTO *et al.*, 2016).

Os critérios para o diagnóstico do TEA são apresentados no Manual Estatístico e Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM-V e Escala de Classificação de Autismo na infância, indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento Infantil e Modified Checklist for Autism in Toddlers (GOMES *et al.*, 2015).

O diagnóstico é baseado em sinais e sintomas, apresentam comportamento na comunicação verbal e não verbal, ausência de interesse e prazer com os outros, dificuldade em manter uma conversação e o uso estereotipado e repetitivo da palavra (MELO *et al.*, 2016).

Assistência de Enfermagem

Diante da descoberta do diagnóstico de autismo, inicia-se o tratamento com equipe multidisciplinar, envolvendo o familiar nos cuidados. Os enfermeiros têm função importante de comunicação perante a família e a equipe médica de saúde ou multiprofissional. O profissional de saúde deve estar apto para reconhecer o TEA e contribuir para o diagnóstico precoce. A criança passará a ser acompanhada por diversos profissionais, em buscar melhor resultado (VILAR *et al.*, 2019).

A terapia medicamentosa com antipsicóticos (Risperidona) é de grande importância no tratamento da criança com TEA, pois diminui o quadro de agressão, irritabilidade, possibilitando o desenvolvimento e competência social, a criança passa ter aumento do apetite e o ganho de peso. O enfermeiro precisa estar atento para efeitos colaterais como: náusea, nasofaringe, renite, sedação, tremor, tontura, incontinência urinária, aumento de peso e apetite (MAPELLI *et al.*, 2018).

Conclusão

A partir do estudo foi possível concluir e compreender a sublimidade do enfermeiro e da equipe multidisciplinar na descoberta precocemente do transtorno do espectro autista, assim construir uma assistência de qualidade para a criança. Sendo o autismo é uma síndrome incurável, portanto necessita do familiar juntamente com a equipe de saúde para conduzir o tratamento. O enfermeiro deve estar apto para reconhecer e lidar com sinais e sintomas apresentados pela criança.

É indiscutível que na assistência de enfermagem em crianças com TEA, o enfermeiro é o profissional de saúde mais próximo do familiar e do autista, dando-lhe

orientação, confiança, apoio, segurança e esclarecimento de dúvidas dos pais, assim melhorando o desempenho do infante na sociedade.

Sugere-se, a realização de mais estudos atualizados no país envolvendo o assunto, visto que a literatura brasileira é escassa. O conhecimento sobre a patologia evita o tratamento tardio, benefício para a criança e satisfação para o profissional de enfermagem.

Referências

ARAÚJO, C. M. *et al* . O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. Brasil. **Revista brasileira interdisciplinar de saúde**. v.1, n.3, p.31-5, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/55149/Desktop/art%20Leia%201.pdf. Acesso em: 27 ago. 2023.

BONFIM, T. A. *et al*. Vivências familiares na descoberta do transtorno do espectro autista: implicações para a enfermagem familiar. Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**.v.73,n.6,2020.Disponível em:<https://www.scielo.br/j/reben/a/cpkwQJQP8kccvs8zN4LgHCH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 29 ago. 2023.

CENAT – Centro Educacional Novas Abordagens Terapêuticas. Conhecendo o Autismo: Sua origem, história e características. 2023. Disponível em: <https://blog.cenatcursos.com.br/conhecendo-o-autismo-sua-origem-historia-e-caracteristicas>. Acesso em: 08 nov. 2023.

FCA. Faculdade de Ciências Agrônômicas. Unesp Campus Botucatu. Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos. **Tipos de Revisão de Literatura**. Botucatu.2015. Disponível em:<https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>. Acesso em: 30 maio 2023.

FRANZOI, M. A. H. *et al*. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro deatenção psicossocial. **Texto contexto- enferm**. v.25, n.1, p.1020015, 2016. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/tce/a/XYSRFmZdj4CKVpyfv87QcHn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2023.

JORGE, R. P. C. *et al*. Diagnósticos de autismo infantil e suas repercussões nas relações familiares e educacionais. Curitiba. **Braz. J. Hea. Rev.** v.2, n.6, p.5065-5077, 2019. Disponível em: DOI:10.34119/bjhrv2n6-015. Acesso em: 29 out. 2023.

GOMES, P. T. M. *et. al*. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. Rio de Janeiro. **J. Pediatr**. v.91, n.2, 2015. Disponível em: file:///C:/Users/55149/Desktop/leia.pdf. Acesso em: 31 ago. 2023.

MACHADO, M. S.; LONDERO, A. D.; PEREIRA, C. R. R. Tornar-se família de uma criança com transtorno do espectro autista. **Contextos clínicos**. v.11, n.3, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v11n3/v11n3a06.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.

MAGALHÃES, J. M. *et al.* Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado. Salvador. **Revista baiana enfermagem**. v.36, p.44858, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/44858/26636>. Acesso em 2 abr. 2023.

MAPELLI, L. D. *et al.* Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**. v.22, n.4, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zxYG5PMxypVZf4YJSfjgyYg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2023.

MELO, C. A. *et al.* Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo. **Mostra Interdisciplinar do curso de enfermagem**. Quixadá, v.2, n.2, p.1-7, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/55149/Downloads/1154-3183-1-PB.pdf>. Acesso em 09 set. 2023.

NASCIMENTO, Y. C. M. L. *et al.* Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família. Bahia. **Rev baiana enferm**. v.32, p.25425, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/55149/Downloads/DOC-20230313-WA0016.%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/55149/Downloads/DOC-20230313-WA0016.%20(2).pdf). Acesso em 26 mar. 2023.

OLIVEIRA, M.V.M. *et al.* Rastreamento precoce dos sinais de autismo infantil: Um estudo na atenção primária à saúde. Macapá. **Revista arquivos científicos**. v.2, n.2, p.48-53, 2019. Disponível em: <https://arqcientificosimmes.emnuvens.com.br/abi/article/view/133/80>. Acesso em: 27 ago. 2023.

PINTO, R. N. M. *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. Paraíba. **Rev Gaúcha de enferm**. v.37, n.3, p.61572, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngenf/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 mar. 2023.

RODRIGUES, M. R. C.; QUEIROZ, R. S. A.; CAMELO, M. S. Assistência de enfermagem a pacientes com transtorno do espectro autista. Brasil. **Rev Bras Interdiscip Saúde**. v.3, n.4, p.75-9, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/55149/Downloads/DOC-20230827-WA0009.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2023.

SANINI, C.; BOSA, C. A. Autismo e inclusão na educação infantil: Crenças e autoeficácia da educadora. Natal. **Estud. psicol**. v.20, n.3, p.173-183, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PP69msMBkjDSYw4svd3v3bM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2023.

SOUZA, A. P. *et al.* Assistência de enfermagem ao portador de autismo infantil: uma revisão integrativa. Curitiba. **Braz. J. Hea. Rev.** v.3, n.2. p.2874-2886, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/8552/7356>. Acesso em: 29 out. 2023.

VIANA, A. L. O. *et al.* Práticas complementares ao transtorno do espectro autista infantil. **Enfermagem em foco**. v.11, n.6, p.48-56, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/55149/Downloads/3258-24650-1-PB.pdf>. Acesso em 03 set. 2023.

VILAR, A. M. A. *et al.* Transtornos autísticos e estratégias promotoras de cuidados: revisão integrativa. Salvador. **Rev baiana enferm**. v.33, p.28118,2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/28118/18213>. Acesso em: 27 mar. 2023.

ZANON, R. B.; BACKES, B.; BOSA, C.A. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. Brasília. **Psic.Teor.e Pesq**. v. 30, n.1, p.25-33, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/9VsxVL3jPDRyZPNmTywqF5F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2023.

ZAQUEU, L. C. C. *et al.* Associações entre sinais precoces de autismo, atenção compartilhada e atrasos no desenvolvimento infantil. Brasília. **Psicologia Teoria e Pesquisa**.v.31, n.3, p.293-302 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/5pc9wQZsmnq36dHK9sZzNXm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2023.

ZDANUK, M. E. L.; SBARGOUD, M.; CARVALHEIRA, A. P. P. **Assistência de enfermagem a criança com Transtorno do Espectro Autista**. Trabalho de Conclusão – Centro Universitário Sudoeste Paulista, Avaré. 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/55149/Downloads/TC%20Massiva%20e%20Maria%20Eduarda%202Bim.%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/55149/Downloads/TC%20Massiva%20e%20Maria%20Eduarda%202Bim.%20(1).pdf). Acesso em: 09 set. 2023.